

A Retórica das paixões: um estudo de caso sobre o discurso intolerante

The Rhetoric of passions: a case study on intolerant discourse

La Retórica de las pasiones: un estudio de caso sobre el discurso intolerante

Frederico Rios C. dos Santos

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/Brasil)

fredericodesantos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0496-8452>

RESUMO

Parte de uma pesquisa mais ampla sobre o debate em torno do tema da imigração na imprensa francesa, este artigo tem como foco o recorte específico representado pelo *pathos* de ressentimento na Retórica da Conspiração em artigos opinativos do cotidiano *Le Figaro*. O lapso temporal foi de 2012 a 2017, contemplando eleições em que se revezaram no poder diferentes tendências ideológicas na França. Foram selecionados todos os artigos de opinião desse período que contivessem a palavra-chave “imigração”, o que resultou na análise de 345 artigos. Concluiu-se que o *pathos* de ressentimento, no interior da Retórica da Conspiração, pode vir acompanhado de outros afetos, como os diversos medos identitários apontados por Charaudeau (2016). Além do mais, observou-se que, na análise do *pathos*, pode ser importante, para a sua caracterização, a remissão a outras provas retóricas, como a do *ethos* (*ethos* de *expert*) e do *logos* (argumento da direção), bem como a menção a elementos dóxicos próprios das matrizes ideológicas do discurso político.

* Sobre o autor ver páginas 28-29.



PALAVRAS-CHAVE: Retórica; Emoções; Discurso midiático; Conspiração; Intolerância.

ABSTRACT

As part of a broader study on the debate surrounding immigration in the French press, this article focuses on the specific segment represented by the pathos of resentment in the Rhetoric of Conspiracy within opinion articles from the daily newspaper Le Figaro. The time frame covered was from 2012 to 2017, encompassing elections in which different ideological tendencies alternated in power in France. All opinion articles from this period containing the keyword "immigration" were selected, resulting in the analysis of 345 articles. It was concluded that the pathos of resentment, within the Rhetoric of Conspiracy, can be accompanied by other affects, such as the various identity fears pointed out by Charaudeau (2016). Moreover, it was observed that, in the analysis of pathos, reference to other rhetorical proofs, such as ethos (expert ethos) and logos (direction argument), as well as mention of doxical elements inherent to the ideological matrices of political discourse, can be important for its characterization.

KEYWORDS: Rhetoric; Emotions; Mediatic discourse; Conspiracy; Intolerance.

RESUMEN: *Como parte de un estudio más amplio sobre el debate en torno a la inmigración en la prensa francesa, este artículo se centra en el segmento específico representado por el pathos del resentimiento en la retórica de la conspiración dentro de los artículos de opinión del diario Le Figaro. El período cubierto fue de 2012 a 2017, abarcando elecciones en las que se alternaron diferentes tendencias ideológicas en el poder en Francia. Se seleccionaron todos los artículos de opinión de este período que contenían la palabra clave "inmigración", lo que dio como resultado el análisis de 345 artículos. Se concluyó que el pathos del resentimiento, dentro de la Retórica de la Conspiración, puede ir acompañado de otros afectos, como los diversos miedos identitarios señalados por Charaudeau (2016). Además, se observó que, en el análisis de pathos, la referencia a otras pruebas retóricas, tales como ethos (ethos experto) y logos (argumento de dirección), así como la mención de elementos doxicales inherentes a las matrices ideológicas del discurso político, puede ser importante para su caracterización.*

PALABRAS CLAVE: Retórica; Emociones; Discurso mediático; Conspiración; Intolerancia.

1 Introdução

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre o debate em torno do tema da imigração na imprensa francesa. O objetivo é apresentar alguns resultados, focando no recorte representado pelo *pathos* de ressentimento, entendido no âmbito da Retórica da Conspiração. Para tal, o objeto de estudo foi delimitado a artigos de opinião publicados no *Le Figaro*.

Essa escolha é justificada pela relevância do jornal no cenário midiático francês, conhecido por sua linha editorial conservadora, o que o torna um veículo significativo para o estudo do discurso relacionado à imigração sob a perspectiva do ressentimento. Analisando como o *pathos* de ressentimento se manifesta nesses textos, buscamos compreender como a Retórica da Conspiração é construída e disseminada no debate sobre imigração.

O *Le Figaro* foi fundado em 1826, durante o período da Restauração dos Bourbons na França, sendo o jornal francês mais antigo ainda em circulação. É amplamente conhecido por sua linha editorial voltada à direita ou centro-direita, atraindo leitores que, em sua maioria, compartilham dessa ideologia (PERALVA, 2002). Essa orientação ideológica é confirmada pelo próprio diretor do jornal, Etienne Mougeotte, que declarou: "é preciso um posicionamento, é assim que os jornais cotidianos podem se salvar [...]. O Figaro se assume de centro e de direita" (LE FIGARO, 2008, tradução nossa¹ 2).

Historicamente, o jornal se posicionou contra a Comuna de Paris, que foi a primeira e efêmera experiência prática do comunismo no mundo, em 1871, e, em maio de 1968, defendeu o gaullismo antirrevolucionário (BLANDIN, 2008). O *Le Figaro* também é identificado como um veículo que apoiou diversos governos de direita na França, defendendo uma forma de liberalismo econômico associado a um conservadorismo social (SLAMA, 2006).

Em 2013, Alexis Brézet, então diretor geral, definiu o jornal como "liberal, mas não dogmático; conservador, mas não nostálgico; europeu, mas

¹ Il faut avoir un positionnement, c'est comme ça qu'on peut sauver les quotidiens. [...] Le Figaro s'assume du centre et de droite.

² Vídeo da entrevista na qual profere a afirmação disponível em: http://www.dailymotion.com/video/xak3xd_le-figaro-s-assume-du-centre-et-de_news. Acesso em 23 de ago. 2016.

não *eurobéat*³, defensor da cultura francesa, mas aberto ao mundo, [...] sempre se reivindicando uma independência de espírito" (BRÉZET, 2013, tradução nossa⁴ 5). Essa definição destaca a tentativa do jornal de se apresentar como um veículo que, embora tenha uma orientação ideológica clara, busca manter uma certa independência crítica, sem aderir cegamente a dogmas ou nostalgias políticas, mantendo um equilíbrio entre o liberalismo econômico e o conservadorismo social, além de uma postura crítica em relação à integração europeia.

O lapso temporal da análise dos artigos foi de 2012 a 2017, um período de grande transformação política na França, que abrangeu duas eleições presidenciais significativamente distintas. Em 2012, François Hollande, do Partido Socialista, foi eleito, marcando um governo de esquerda. Já em 2017, o cenário político mudou drasticamente, com a candidata de extrema-direita, Marine Le Pen, do *Rassemblement National*, chegando ao segundo turno das eleições presidenciais.

Para a análise, foram selecionados todos os artigos de opinião que contivessem a palavra-chave "imigração". As reportagens foram excluídas, pois, embora possam expressar uma opinião, não são consideradas um gênero textual que, por essência, revele explicitamente aspectos avaliativos. Nesse contexto, a distinção entre reportagem e artigo de opinião stricto sensu, que apresenta marcas claras de avaliação, foi baseada na categoria de "gênero persuasivo" proposta por Pinto (2015). Para a autora, os gêneros como os artigos de opinião possuem um caráter persuasivo mais evidente, com uma orientação argumentativa explícita.

Segundo a tipologia de Charaudeau (2010), por sua vez, o artigo de opinião pode ser encontrado tanto em instâncias internas (como editoriais, crônicas e análises de especialistas) quanto externas (como tribunas de opinião e tribunas políticas) à instância midiática. No entanto, mesmo quando externas, essas instâncias estão intimamente ligadas à mídia, pois a publicação de um artigo depende da aceitação pela instância midiática, o que reflete a política editorial do jornal, ainda que não seja explicitamente declarada.

³ Expressão que significa confiança exacerbada e pueril na Europa.

⁴ Il faut avoir un positionnement, c'est comme ça qu'on peut sauver les quotidiens. [...] Le Figaro s'assume du centre et de droite.

⁵ Vídeo da entrevista na qual profere a afirmação disponível em: http://www.dailymotion.com/video/xak3xd_le-figaro-s-assume-du-centre-et-de_news. Acesso em 23 de ago. 2016.

Assim, o recorte dos *corpora* na presente pesquisa incluiu editoriais, crônicas políticas, tribunas de opinião ou políticas, e análises de especialistas. Apesar de as análises de especialistas serem geralmente vistas como menos engajadas, no contexto das ciências humanas e do debate sobre imigração, que muitas vezes divide especialistas segundo linhas ideológicas, essas análises também foram consideradas artigos de opinião, alinhando-se à proposta de Pinto (2015) de que tais análises podem se configurar como gêneros persuasivos com marcas de avaliatividade mostradas. No total, 345 artigos foram analisados.

Na próxima seção, será explorado o uso das paixões nos estudos retóricos, com um enfoque particular na retórica da conspiração. Posteriormente, será feita uma análise do *pathos* do ressentimento, entendido dentro dessa retórica conspiracionista, em artigos de opinião do *Le Figaro*.

Esperamos que este trabalho sirva como subsídio para estudiosos das emoções no discurso, especialmente para aqueles que investigam o *pathos* do ressentimento na Retórica da Conspiração, uma estratégia argumentativa amplamente utilizada no discurso político, especialmente por impostores e demagogos.

2 As paixões nos estudos retóricos e a retórica da conspiração

O elemento passional nos estudos retóricos foi, durante muito tempo, relegado a segundo plano. Isso pode ser atribuído à supremacia da dialética socrática sobre a sofística, sendo que esta última tinha a Retórica como uma de suas principais áreas de interesse. Na Grécia clássica, Aristóteles (2005) buscou restaurar a dignidade da Retórica em sua dimensão emotiva, dedicando um livro inteiro ao estudo das paixões em sua obra *Retórica*. Para Aristóteles, as paixões eram vistas como ferramentas essenciais para persuadir e sensibilizar o público em relação a uma tese específica.

No entanto, durante a Idade Média, como destaca Lima (2006), os estudos retóricos passaram por uma transformação significativa. Sob a influência do neoplatonismo, tanto na patrística quanto na escolástica, a Retórica se concentrou mais em seus aspectos lógicos. Apesar disso, o discurso religioso da época, especialmente o católico, com sua arte barroca rica e ostentatória, continuou a utilizar elementos passionais para atrair e cativar os fiéis, apelando ao encantamento visual e emocional.

Com o advento do racionalismo cartesiano, representado por Descartes (1996), a ênfase no *logos* atingiu seu auge. Descartes fez uma separação radical entre a *res extensa* (a "coisa corpórea") e a *res cogitans* (a "coisa pensante"), sendo esta última considerada a essência do ser, expressa na célebre máxima "penso, logo existo". Esse enfoque fortaleceu a tendência de excluir as emoções do centro dos estudos retóricos, privilegiando a razão como o principal veículo de persuasão.

Mesmo após a Segunda Guerra Mundial, período em que os elementos passionais foram amplamente manipulados nas propagandas dos regimes totalitários, a Retórica ainda carregava vestígios de sua herança platônica e cartesiana. Como observa Lima (2006), essa tradição continuou a marginalizar as emoções, mantendo-as fora do foco principal dos estudos retóricos, apesar de sua evidente eficácia nas estratégias de persuasão e manipulação.

Dessa forma, o resgate da dimensão passional na Retórica representa uma recuperação de sua faceta mais completa e influente, reconhecendo que as emoções desempenham um papel crucial na construção e na efetividade do discurso persuasivo.

Recentemente, alguns estudos tem reconsiderado a relevância das emoções da escola aristotélica, como os de Amossy (2006), Charaudeau (2000), Lima (2006) e Plantin (1996). De acordo com Amossy:

[...] se o conhecimento das paixões humanas é apresentado na Retórica [de Aristóteles] como indispensável, é porque ela permite agir pela palavra: ela contribui fortemente para a convicção (AMOSSY, 2006, p. 179, tradução nossa⁶).

Especificamente sobre a Retórica da Conspiração, tema central deste trabalho, manifestação discurso de acontecimento de diversos medos identitários, é situada por Angenot (2008) como uma forma de violação das normas mínimas que são essenciais para que qualquer debate significativo possa ocorrer. Essas normas referem-se às condições procedimentais que todos os interlocutores precisam seguir para que o diálogo ou debate seja

⁶ Si la connaissance des passions humaines est présentée dans la 'Rhétorique' [d'Aristote] comme indispensable, c'est qu'elle permet d'agir par la parole : elle contribue puissamment à emporter la conviction.

viável e produtivo. Ignorar essas regras básicas resulta na impossibilidade de uma crítica construtiva e de um intercâmbio significativo de ideias.

Na Retórica da Conspiração, as normas mínimas do debate são frequentemente desrespeitadas, o que impede a comunicação efetiva entre as partes envolvidas. Esse tipo de retórica geralmente se caracteriza pela desconfiança em relação às instituições, pela rejeição das evidências e pela crença em tramas ocultas que explicariam a realidade de maneira simplista e maniqueísta.

Para que um debate seja possível, é necessário que os participantes concordem, pelo menos, sobre as regras básicas que guiam o processo de argumentação e comunicação. No entanto, nos embates culturais conspiratórios, essas regras frequentemente são ignoradas, o que leva a confrontos em que a comunicação se torna inviável. Isso ocorre porque a Retórica da Conspiração frequentemente nega a validade das premissas básicas que sustentam o debate racional, criando um ambiente em que a crítica se torna impossível e em que o diálogo é substituído por acusações infundadas e teorias especulativas.

Nesse sentido, a Retórica da Conspiração se apresenta como um desafio às normas de convivência discursiva, promovendo a fragmentação do espaço público e dificultando a construção de um entendimento comum, o que é crucial para qualquer sociedade democrática. Ela transforma o debate em um campo de batalha em que a verdade é menos importante do que a vitória retórica, comprometendo assim o valor da crítica e da argumentação racional. Nas palavras de Angenot,

[...] [As regras do debate] fixam as condições que pesam sobre os interlocutores para fazer valer suas teses e para articularem suas provas. Trata-se de condições que fixam formalmente os códigos de procedimento judiciário. As regras do debate fixam, portanto, as condições procedurais necessárias dos interlocutores para que eles aceitem debater, condições que são concebidas como indispensáveis, isto é, fora das quais só pode haver frustração recíproca e fracasso da discussão. Elas determinam quais as condições um debate pode ter início e quais serão as obrigações recíprocas dos interlocutores [...]. Essas “regras do jogo” são sentidas como indispensáveis, sua transgressão dispõe os debatedores [...]. As regras do debate são logicamente primeiras: antes de poder debater sobre o mundo, é preciso que os indivíduos de pontos de vista opostos se coloquem previamente de acordo com a maneira com a qual vai se desenvolver o debate que eles empreendem, com a maneira que comportará as regras

que permitirão um e outro poder se declarar vencedor em um ponto específico (ANGENOT, 2008, p. 132-134, tradução nossa⁷).

Uma dessas regras do debate (e não nos deteremos em todas aqui) é a de que possui o ônus da prova aquele que realiza uma acusação. A *inversão do ônus da prova* constituiria, com efeito, um obstáculo para que o debate possa transcorrer.

A chamada "Retórica da Denúnciação" exemplifica uma infração fundamental às regras do debate racional. Esse conceito, desenvolvido no campo das ciências da linguagem, não se aplica a toda e qualquer forma de denúncia, mas sim a uma prática retórica específica. De acordo com Danblon (2004), essa retórica se caracteriza pela postura do locutor que se desresponsabiliza por sua acusação, adotando uma posição passiva e, de certa forma, infantilizada. Em vez de apresentar provas ou justificativas sólidas, o acusador lança suas denúncias sem se comprometer com a veracidade ou a argumentação crítica que deveria sustentar suas afirmações.

Danblon (2004) destaca que essa forma de retórica é frequentemente utilizada por demagogos que visam explorar emoções como a cólera e o medo, especialmente entre os mais vulneráveis e menos instruídos. Ao fazer isso, a Retórica da Denúnciação desvia o foco do debate racional e construtivo, utilizando acusações vazias para manipular a opinião pública e influenciar comportamentos, sem oferecer uma base sólida para a reflexão ou a crítica informada. Nas palavras de Danblon,

A retórica da denúnciação é a alternativa cínica e desabusada [...]. Coloca-se acento na proteção do cidadão mais que sobre sua responsabilidade e capacidade de ação. Diante do medo legítimo da manipulação, [...] [oferece-se] uma resposta em termos de proteção de um cidadão passivo e infantilizado. Tais hábitos retóricos, aliás, sempre

⁷ [...] [Les règles du débat] fixent les contraintes qui pèsent sur les débatteurs pour faire valoir leurs thèses et articuler leurs preuves. Ce sont ces sortes de contraintes [...] qui fixent justement et formellement les codes de la procédure judiciaire. Les règles du débat fixent donc les conditions procédurales requises des interlocuteurs pour qu'ils acceptent de débattre, conditions qui sont conçues comme indispensables c'est-à-dire en dehors desquelles il ne peut y avoir que frustration réciproque et échec de la discussion. Elles fixent à quelles conditions un débat peut débuter et ce que seront les obligations réciproques des disputants [...]. Ces « règles du jeu » sont senties comme indispensables, leurs transgressions indisposent [...]. Les règles du débat sont logiquement premières : avant de pouvoir débattre sur les choses du monde, il faut que les individus de points de vue opposés se mettent préalablement d'accord sur la façon dont va se dérouler le débat qu'ils entament, façon qui comportera les règles qui permettront à l'un ou à l'autre de pouvoir se déclarer vainqueur aux points.

existiram. A retórica da denúncia foi tradicionalmente utilizada por oradores demagogos que deformam o julgamento crítico, transformando-o em suspeita generalizada, explorando a cólera e o medo dos mais frágeis e menos instruídos [...]. Como essa demagogia institucionalizada deturpa o senso crítico? [...]. Ora, quem julga precisa oferecer elementos novos, bem como justificar seus propósitos. Já que é quem argumenta, é dele o ônus da prova. Isso significa que, no jogo do debate, é de quem critica o esforço de convencer, de ganhar o assentimento de um auditório, o qual adere, *a priori*, às normas da sociedade. Ao contrário, a retórica da denúncia opera uma inversão do ônus da prova (DANBLON, 2004, p. 67-70, tradução nossa⁸).

A compreensão desses conceitos é relevante para os propósitos desta pesquisa porque a *Retórica da Conspiração* é uma forma de Retórica da Denúncia. Trata-se da denúncia, normalmente acompanhada de um *pathos de ressentimento*, tendo em vista um suposto complô de determinados setores da sociedade para exercerem um projeto de poder (ANGENOT, 2008).

Na Retórica da Conspiração, também conhecida como "causalidade diabólica," as emoções desempenham um papel central, particularmente através do medo e do ódio, que surgem como corolários do ressentimento. Essa retórica começa com a identificação de uma série de eventos que são percebidos como indesejados ou desagradáveis. A partir dessa constatação, busca-se identificar uma causa única e central para todos os males percebidos, criando uma narrativa que alimenta o ressentimento daqueles que se sentem em uma posição de inferioridade ou desvantagem em relação a supostos dominadores.

⁸ La rhétorique de la dénonciation est l'alternative cynique et désabusée à la rhétorique politiquement correcte. Ces deux visages modernes de la rhétorique sont fondés sur la même conception de la démocratie. On met l'accent sur la protection du citoyen plutôt que sur sa responsabilité et sa capacité d'action. Face à la peur légitime de la manipulation, ces deux rhétoriques modernes offrent une réponse en termes de protection d'un citoyen passif et infantilisé. De telles habitudes rhétoriques ont d'ailleurs toujours existé. La rhétorique de la dénonciation a été traditionnellement utilisée par des orateurs démagogues qui déforment le jugement critique en un soupçon généralisé, en exploitant la colère et la peur des plus fragiles et des moins instruits [...]. Comment cette démagogie institutionnalisée détourne-t-elle le sens de la critique? [...] Or qui juge se doit d'apporter des éléments nouveaux et de justifier sa démarche. Puisque c'est lui qui argumente, c'est lui qui a la charge de la preuve. Cela signifie que, dans le jeu du débat, c'est celui qui critique qui doit faire l'effort de convaincre, de gagner l'assentiment d'un auditoire, lequel adhère a priori aux normes de la société. Il est frappant de constater que la rhétorique de la dénonciation opère un renversement de la charge de la preuve [...].

Esse ressentimento é alimentado pela sensação de humilhação, opressão, ou ameaça, levando os indivíduos a sentirem prazer intelectual ao acreditarem que descobriram a causa raiz de sua situação desfavorável. No entanto, como aponta Angenot (2008), essa atribuição de causa não vem acompanhada da responsabilidade de fornecer provas concretas para sustentá-la. Em vez disso, a retórica se estriba na emoção e na convicção, utilizando o medo e o ódio para mobilizar e manipular aqueles que se sentem lesados ou ameaçados, sem oferecer uma base sólida ou racional para a argumentação.

Charaudeau (2016) resumiu esses afetos decorrentes do *pathos* de ressentimento com a alcunha de *imaginários da vitimização*. Efetivamente, uma maneira de procurar persuadir para determinado projeto político é pela criação de um sentimento de medo designando o inimigo que pode ser exterior ou interior. Esses medos que Charaudeau (2016) qualifica de “identitários” são aqueles que reagem a uma suposta ameaça de invasão, de desidentificação, de desclassificação e de insegurança.

O *medo da invasão*, no debate sobre imigração, consistiria em postular que, por exemplo, o desembarque massivo de imigrantes suscitaria um comprometimento da identidade nacional e uma perda, por meio da mistura étnico-religiosa, de elementos fundadores da nação. Essa é a estratégia de fabricação do bode expiatório, na figura do inimigo externo transformado em inimigo interno ao tornar-se imigrante. Um sintoma de medo da invasão foi a fala de Jean-Marie Le Pen, do antigo partido *Le Front National*, da extrema-direita francesa: “[Os imigrantes] vão nos arruinar, nos invadir, nos submergir, deitar-se com nossas mulheres e com nossos filhos” (*apud* SABÉLAN, 2002, tradução nossa⁹).

Quanto ao *medo da desidentificação*, especificamente na França, ele pode ser alimentado em resposta aos preceitos da União Europeia, às vezes tida como manipuladora por supostamente desrespeitar as idiosincrasias de cada nação. Segundo Charaudeau (2016), esse tipo de discurso pode ser encontrado tanto na extrema-direita quanto na extrema-esquerda. No primeiro caso, um exemplo é o pronunciamento de Marine Le Pen ao qualificar a Europa de “ídolo brutal e insaciável” (*apud* FAYE, 2015, tradução nossa¹⁰). No campo da extrema-esquerda, a fala de Jean-Luc Mélenchon (do partido *La France Insoumise*), segundo a qual “A União Europeia abole nossa história republicana

⁹ [Les immigrés] vont nous ruiner, nous envahir, nous submerger, coucher avec nos femmes et nos fils.

¹⁰ Idole brutale et insatiable.

e nos faz pagar tocando e tropeçando!” (MÉLENCHON TIRE, 2010¹¹) seria representativa desse medo de desidentificação.

Sobre o *medo da desclassificação social*, este pode ser estimulado pela denúncia da mundialização econômica que dismantelaria a distinção entre categorias sociais. Diante de uma perda do poder de compra das classes médias, obrigadas a viver em zonas periféricas e a se misturar com classes mais desfavorecidas, a estratégia retórica que estimula o medo da desclassificação social cumpre a função de criar um sentimento de impotência em relação aos qualificados pejorativamente de “assistidos” pelo Estado de bem-estar social, notadamente os descendentes de imigrantes (CHARAUDEAU, 2016).

Por sua vez, *o medo da insegurança*, continua Charaudeau (2016), é construído em função dos noticiários sobre atos de delinquência das periferias, onde carros são queimados pelos descendentes dos imigrantes e os ciganos furtam. A escola começa a não ser mais vista como um lugar sacramentado, mas de decadência moral e de incivilidade. Esse é o discurso que exorta rigor das forças policiais e da punição do sistema judiciário.

Todos esses medos próprios do imaginário de vitimização, segundo Charaudeau (2016), produzem um duplo efeito de fantasia conspiratória e de desejo de exclusão, ao se estigmatizarem as populações julgadas ameaçadoras, que fatalmente coincidem com a população imigrante ou com seus descendentes.

Desse discurso do ressentimento conspiratório, surge também o que Danblon (2010) denomina de *ethos de expert*. Esse *ethos* se refere à imagem que o enunciador constrói de si mesmo no discurso, apresentando-se como alguém que possui habilidades extraordinárias, capaz de decifrar os códigos ocultos das relações de dominação. Essa autoimagem de especialista não é apenas uma estratégia retórica, mas também uma forma de legitimação perante o público, que confere ao enunciador uma autoridade quase inquestionável para interpretar e revelar as “verdades” que estariam encobertas.

A construção de *ethos* é crucial para o funcionamento do *pathos* no discurso conspiratório, pois não apenas intensifica as emoções de medo e ressentimento, mas também reforça a confiança do público na figura do enunciador. Portanto, a análise do *pathos*, para ser completa, muitas vezes exige a consideração de outras provas retóricas, como o *ethos*, para entender plenamente como essas estratégias emocionais operam na sociedade e

¹¹ L’Union européenne abolit notre histoire républicaine et elle nous le fait payer sonant et trébuchant”.

influenciam a percepção e o comportamento das pessoas. A conjunção entre *ethos* e *pathos*, nesse caso, cria um ciclo em que o enunciador é visto como um guia confiável, enquanto as emoções negativas são constantemente alimentadas, fortalecendo ainda mais a crença nas narrativas conspiratórias.

Ressaltam Danblon e Nicolas (2010), apesar de o conspirador se mostrar identificador das causas originais, com seu *ethos* de *expert*, ele não se identifica com a inteligência institucionalizada, representada pelos acadêmicos, por objetivar parecer um *outsider* do sistema:

No nível do *ethos*, ela [a retórica da conspiração] alça o denunciador ao nível de *expert* supremo (técnico de virtuose, cientista genial) e o coloca, ao mesmo tempo, “à margem” da ciência, do poder, da sociedade etc., posição marginal que possibilita garantir a pureza de suas intenções, a autenticidade de suas falas. Esses paradoxos nos parecem intimamente ligados às relações que cada um estabelece com a modernidade, com as instituições e com a retórica evocada para lhe conferir sentido (DANBLON; NICOLAS, 2010, p. 21, tradução nossa¹²).

Para Charaudeau (2016), o *expert* da conspiração tende a produzir o chamado *imaginário de satanização dos culpados*. Nesse caso, não se trata somente de criticar os responsáveis por uma determinada situação política, mas de taxar de culpados diferentes categorias sociais.

Um dos alvos frequentes são os *políticos* em geral, afirmando-se que todos são corruptos e incapazes de escutar o povo. Corolário da satanização dos políticos está a satanização dos *partidos políticos*, descreditados por supostamente terem como única preocupação a permanência no poder.

Em seguida, está a satanização do *Estado*, por se mostrar ilegítimo, devido às suas instituições tidas por ineficazes, mantenedoras de privilégios para a própria burocracia, pensadas para as elites e com uma Justiça considerada “defensora de bandidos”. Nessa perspectiva, o Estado atua como um monstro calculador, a partir de sua torre de marfim, confiscando o poder popular em proveito do *establishment*.

¹² [...] au niveau de l'*ethos*, elle [la rhétorique de la conspiration] élève le dénonciateur en expert suprême (technicien virtuose, scientifique de génie) et le place en même temps « à la marge » de la science, du pouvoir, de la société etc., position marginale qui vient du même coup garantir la pureté de ses intentions et l'authenticité de son propos. Ces paradoxes nous semblent intimement liés aux rapports que chacun entretient à la modernité, aux institutions et à la rhétorique convoquée pour leur donner du sens.

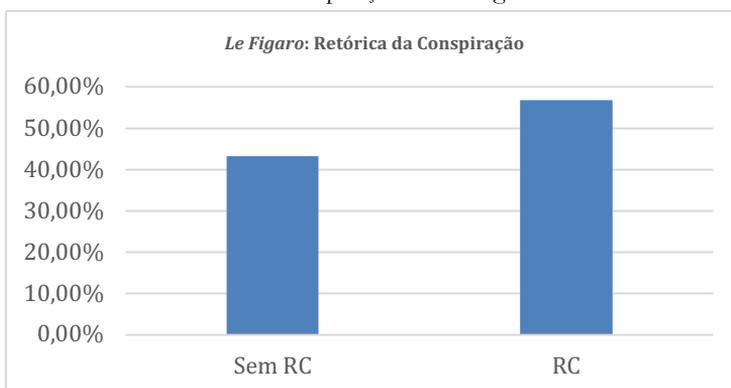
Por último, há o culpado do imaginário de satanização representado pelos *lobbies* de diversos tipos, como os das oligarquias financeiras, do “globalismo” dos Direitos Humanos e da mídia progressista ao virem em defesa de “bandidos”, imigrantes e minorias em geral (homossexuais, feministas etc.). Impõem-se, assim, em uma lógica chauvinista, leis e costumes contrários aos interesses dos cidadãos “de bem” e “de raiz”.

Em seguida, será visto como, no jornal *Le Figaro*, foi possível a instrumentalização argumentativa do *pathos* do ressentimento da Retórica da Conspiração, do que decorrem outros afetos como os diversos tipos de medos mencionados e ao qual está também associado o *ethos* de *expert*, com seus respectivos imaginários.

3 O *pathos* do ressentimento no *Le Figaro*

No *Le Figaro*, o número de artigos sobre imigração que apresentou um ou mais traços da Retórica da Conspiração (doravante RC) suplantou o dos artigos em que essa retórica não foi percebida, levando-se em consideração os critérios de definição supramencionados: 56,81% e 43,19%, respectivamente.

Gráfico 1. A Retórica da Conspiração no *Le Figaro*



Fonte: elaboração do autor, a partir do programa *Excel*.

Atendo-se aos artigos conspiracionistas, a análise aqui se restringirá ao extrato representativo que se segue:

A França se desarma, literal e figurativamente, à medida em que as guerras se aproximam. Nunca houve um retorno das férias sob

auspícios tão nefastos. No entanto, apenas o preço da gasolina e a expulsão dos ciganos mobilizaram o Estado, numa agitação da mídia que ilustra a regressão da política, incapaz de enfrentar as tensões que ameaçam a paz, a nação e seu futuro. É preciso lembrar a François Hollande, presidente flandador e bom moço, como estão a França, a Europa e o mundo? O país está à beira da falência, o euro está vacilando, o Islã radical está por toda parte na ofensiva. No entanto, é desconfortante para a esquerda levantar esses assuntos "ansio-gênicos". O governo repete em todas as circunstâncias que deseja "apaziguamento", essa palavra que floresceu em 1938. Sabemos o resto... A "França tranquilona" dos socialistas, prontos para fazer qualquer coisa para romper com um sarkozysmo "divisivo", é contra a maré da história em movimento. Foi com escárnio que Ray Ventura cantou: "Tudo está indo muito bem ...", na véspera da Segunda Guerra Mundial. Hoje, a infantilização da política, que também está balbuciando em excesso no *Twitter*, é como uma capitulação suicida [...]. Hugo Chavez, o autocrata venezuelano, proibiu sua televisão de lidar com assuntos "ansio-gênicos" (*Le Monde*, 18 de julho). A esquerda simpática e seus peixes seguidores dificilmente são mais tolerantes. Por mais de cem dias, a acusação de direitismo e de extremismo se difunde entre os rebanhos socialistas. A demonização atinge qualquer um que questione o universo irênico da esquerda e do fundo pacifista fácil. O escritor Richard Millet conhece, hoje em dia, a *reductio ad hitlerum*, que já levou Renaud Camus a ser boicotado pelos seus editores, Fayard e POL. Essas Cassandras, finos observadores do declínio cultural e literário francês, fazem a mesma observação de um país que entrou em uma guerra civil que não diz seu nome. Acusado, no *Le Monde* de terça-feira, de assinar "um pensamento de extrema-direita", Millet, editor de sucesso da *Gallimard*, vê seu lugar no comitê de leitura desta casa de Saint-Just, que pede sua cabeça em nome do humanismo. Por trás do discurso meloso dos moralistas, a busca por dissidentes é reaberta. Seria proibido pelos vigilantes da Ordem Moral se preocupar com as guerrilhas que, em Amiens, feriram 16 policiais por balas e que, em Marselha, incitam uma senadora do PS a convocar o exército? Não devemos ver nada, nas escolas "sensíveis", da violência e do racismo que aí ocorrem? Deveríamos continuar o angelismo diplomático, retomado na segunda-feira por Hollande, que nega o choque de civilizações enquanto a ordem islâmica está em movimento na Tunísia, Egito, Marrocos, Líbia, como observou *L'Humanité* na segunda-feira, em um momento de lucidez? Sim, "uma guerra mundial nos espera", escreveu Max Gallo no *Le Figaro* em 17 de agosto. Também existem possíveis conflitos econômicos, civis e geracionais. A esquerda sussurrou: "Durma, brava gente!" (*corpus* 150, tradução nossa¹³).

¹³ La France se désarme, au propre et au figuré, à mesure que des guerres se profilent. Jamais une rentrée n'aura été sous d'aussi noirs auspices. Or seuls le prix de l'essence et l'expulsion des Roms mobilisent l'État, dans une agitation médiatique qui illustre la régression de la politique,

O texto do *corpus* 150¹⁴ mobiliza algumas constantes da RC. A primeira delas é o *pathos* de *ressentimento*, ao qual estão relacionados os *imaginários* de *vitimização*, expressos pelos seguintes medos:

a) *Medo da invasão*:

- “A França se desarma, literal e figurativamente, à medida que as guerras se aproximam”;
- “o Islã radical está por toda parte na ofensiva”;
- “Deveríamos continuar o angelismo diplomático, retomado na segunda-feira por Hollande, que nega o choque de civilizações enquanto a ordem islâmica está em movimento na Tunísia, Egito, Marrocos, Líbia [...]?”;

incapable d'affronter les tensions qui menacent la paix, la nation, son devenir. Faut-il rappeler à François Hollande, président flâneur et bonhomme, comment vont la France, l'Europe, le monde? Le pays est au bord de la faillite, l'euro vacille, l'islam radical est partout à l'offensive. Cependant, il est malséant pour la gauche d'évoquer ces sujets «anxiogènes». Le gouvernement répète en toutes circonstances vouloir l'«apaisement», ce mot qui fit florès en 1938. On connaît la suite... La «France tranquillo» des socialistes, prêts à tout pour rompre avec un sarkozysme «clivant», est à contre-courant de l'histoire en marche. C'est par dérision que Ray Ventura chantait: «Tout va très bien...», à la veille de la Seconde Guerre mondiale. Aujourd'hui, l'infantilisation de la politique, qui gazouille de surcroît sur Twitter, s'apparente à une capitulation suicidaire [...]. Hugo Chavez, l'autocrate vénézuélien, a interdit à ses télévisions de traiter les sujets «anxiogènes» (Le Monde, 18 juillet). La gauche sympa et ses poissons suiveurs ne sont guère plus tolérants. Depuis cent jours et plus, l'accusation en droitisation et en extrémisme fuse chez les ouailles socialistes. La diabolisation frappe quiconque met en doute l'univers irénique de la gauche pacifiste et plan-plan. L'écrivain Richard Millet connaît, ces jours-ci, la *reductio* «ad hitlerum» qui a déjà valu à Renaud Camus d'avoir été lâché par ses éditeurs, Fayard et POL. Ces Cassandre, fins observateurs du déclin culturel et littéraire français, font le même constat d'un pays entré dans une guerre civile qui ne dit pas son nom. Accusé, dans Le Monde de mardi, de s'inscrire «dans une pensée d'extrême droite», Millet, éditeur à succès chez Gallimard, voit sa place au comité de lecture de cette maison remise en question par des Saint-Just qui réclament sa tête au nom de l'humanisme. Derrière le discours sirupeux des moralistes, la chasse aux dissidents est rouverte. Serait-il interdit, par les gardes-chiourmes de l'Ordre moral, de s'inquiéter des guérillas qui, à Amiens, ont blessé 16 policiers par plombs et qui, à Marseille, incitent une sénatrice PS à en appeler à l'armée? Faudrait-il ne rien voir, dans des écoles «sensibles», des violences et du racisme qui s'y installent? Faudrait-il poursuivre l'angelisme diplomatique, repris lundi par Hollande, qui nie le choc des civilisations alors que «l'ordre islamique est en marche» en Tunisie, Égypte, Maroc, Libye, comme le remarque L'Humanité de lundi dans un moment de lucidité? Oui, «une guerre mondiale nous guette», comme l'a écrit Max Gallo dans Le Figaro du 17 août. S'esquissent aussi de possibles conflits économiques, civils, générationnels. La gauche susurre: «Dormez, braves gens!». Disponível em: <https://bit.ly/2UENIGI>. Acesso em: 02 abr. 2020.

¹⁴ Cada texto analisado recebeu uma numeração específica. Como não são abordados todos os temas estudados na pesquisa neste trabalho, por se concentrar no problema do *pathos* de *ressentimento* da Retórica da Conspiração, a tabela com a integralidade dos dados de todos os *corpora* não será exibida. Para maiores informações, vide Santos (2020a; 2020b).

- “Sim, ‘uma guerra mundial nos espera’”.

b) *Medo da desclassificação:*

- “O país está à beira da falência, o euro está vacilando”;

- “declínio cultural e literário francês”.

c) *Medo da insegurança:*

- “país que entrou em uma guerra civil que não diz seu nome”.

Trata-se de afirmações categóricas cujos lastros probatórios não são desenvolvidos pelo autor. No caso do eco conspiratório “eles estão por toda parte”, por exemplo, ao se referir ao Islã e aos islâmicos, Raphaël Liogier, professor da Sciences Po Aix-en-Provence, procura desconstruir essa ideia pré-concebida:

A angústia da submersão demográfica agora se concentra inteiramente no Islã. Contamos o número de mesquitas, minaretes, meninas com véu, muçulmanos no exército, desempregados etc. Contamos as associações muçulmanas ou parecendo sê-las. Avaliamos a taxa de natalidade dos muçulmanos, seus movimentos migratórios, conversões ao Islã. Fazemos comparações entre países, desenhamos mapas a partir dos quais tiramos conclusões catastróficas que levam a projeções apocalípticas. Muitos muçulmanos, sempre muitos, e sempre mais hoje do que ontem, e ainda mais amanhã do que hoje. Você nunca sabe realmente de onde vêm esses números. Eles são frequentemente obtidos por referências acadêmicas cruzadas entre origens nacionais, informações vagas fornecidas pelos ministérios do Interior ou simplesmente declarações de líderes políticos, jornalistas ou personalidades particularmente bem informadas. E quando emanam de institutos mais sérios, são ampliados, encenados, desviados de seu contexto, antes de serem considerados "informações" na Internet, mas também em debates supostamente sérios (LIOGIER, 2012, p. 45, tradução nossa¹⁵).

¹⁵ L'angoisse de la submersion démographique s'est aujourd'hui entièrement focalisée sur l'islam. On compte le nombre de mosquées, de minarets, de jeunes filles voilées, de musulmans dans l'armée, au chômage, etc. On dénombre les associations musulmanes ou semblant l'être. On évalue le taux de natalité des musulmans, leurs mouvements migratoires, les conversions à l'islam. On fait des comparaisons entre pays, on dresse des cartes dont on tire des conclusions catastrophiques conduisant à des projections apocalyptiques. Trop de musulmans, toujours trop, et toujours plus aujourd'hui qu'hier, et encore plus demain qu'aujourd'hui. On ne sait jamais très bien d'ailleurs d'où viennent ces chiffres. Ils sont souvent obtenus par de savants croisements entre les origines nationales, de vagues informations fournies par les ministères de l'Intérieur, ou tout simplement issus de déclarations de leaders politiques, de journalistes ou de

Segundo Liogier (2012), um número considerável de editorialistas e de ensaístas, onipresentes na televisão e no rádio, tornaram-se, de uma hora para outra, “referências” em matéria de imigração, heróis contra o “politicamente correto”. Seus números fantasiosos se tornaram evidências, provas aritméticas tão irrefutáveis quanto dois mais dois são quatro de uma islamização demográfica na França e na Europa. É o caso de Claude Guéant, que, então Ministro do Interior do governo Sarkozy, afirmou, em 2011, que os muçulmanos são um problema para a França porque “eles são muito numerosos”¹⁶.

Um dos argumentos, ressalta Liogier (2012), dos defensores da islamização massiva da França, está em se apoiar na opinião comum de que os islâmicos se reproduzem mais rapidamente do que outros povos. Michèle Tribalat, por exemplo, demógrafa fetiche de Marine Le Pen, costuma afirmar que “o Islã dispõe de uma dinâmica demográfica mais favorável do que o catolicismo” (TRIBALAT, 2011, § 6.º), sem investigar que, não só o Islã, mas as religiões em geral (salvo exceções, como o budismo), como afirmam Courbage e Todd (2007), são aberta ou implicitamente natalistas. Pode-se citar, no mundo bíblico, a máxima do cresci-vos e multiplicai-vos (*Gênesis* 9, 7).

Além do mais, os trabalhos de Courbage e Todd (2007), entre outros demógrafos, têm mostrado que o Islã povoado em vários lugares do planeta não é uma variável pertinente para explicar uma suposta forte natalidade. Efetivamente, a maior parte dos países de maioria muçulmana estava em plena transição demográfica, com uma forte e durável queda na taxa de fecundidade. Isso se dá, entre outros fatores, pela elevação das taxas de alfabetização, permitindo o acesso à cultura por parte da maioria da população e, por conseguinte, o desenvolvimento do individualismo, de hábitos de vida mais modernos, mais autônomos, mais abertos ao mundo exterior e à exogamia, ou seja, ao casamento multicultural.

O raciocínio conspiracionista pode responder a essas informações afirmando que os muçulmanos, porque são promotores fanáticos de um *jihad*

personnalités qui seraient particulièrement bien informées. Et lorsqu'ils émanent d'instituts plus sérieux, ils sont grossis, mis en scène, détournés de leur contexte, avant d'être repris comme des « informations » sur Internet, mais aussi dans des débats prétendument sérieux.

¹⁶

Disponível

em:

<

<https://www.latribune.fr/actualites/economie/france/20110404trib000613037/trop-de-musulmans-en-france-claude-gueant-persiste-et-signe.html> >. Acesso em: 19 de jul. 2020.

natalista, reproduzem exponencialmente só quando são imigrantes em outros países que não os de sua origem, como na França, por exemplo.

Ressalta Liogier (2012), em contrapartida, que não é fácil encontrar dados claros sobre o número atual dos muçulmanos na Europa. Na França, onde vive a mais importante comunidade muçulmana da União Europeia, é possível encontrar fontes, como afirmam Laurence e Vaïsse (2007), que falam de 3,65 milhões a 6 milhões de indivíduos, segundo o simples critério de a origem ser turca ou magrebina, como se todos os imigrantes dessas regiões fossem muçulmanos. Por causa dessa falácia, o estudo de 2010, *Trajectoires et origines*, realizado conjuntamente pelo *Ined* e pelo *Insee*¹⁷, abandonou os critérios fluidos das origens étnicas e familiares ou de práticas culturais para perguntar diretamente quem se declara muçulmano. O número obtido, para a França, foi de apenas 2,1 milhões de indivíduos.

Essa diferença importante entre o número de indivíduos de origem muçulmana (considerando a terminologia habitual) e aqueles que de fato se reconhecem como muçulmanos demonstra, contrariamente ao preconceito comum, que os árabes ou turcos de cultura, por exemplo, não restam necessariamente fiéis a suas tradições confessionais. A pesquisa de Brouard e Tiberj (2005) confirma essa heterogeneidade dos percursos dos cidadãos de origem muçulmana. Para esses pesquisadores, mais de um terço dos imigrantes magrebinos, africanos e turcos não se reclamam pertencer ao Islã. Assim, os muçulmanos hoje na França representariam apenas entre 3,5 e 5% da população, com cerca de metade composta de cidadãos franceses. Na Europa, existiriam em torno de 38 milhões de muçulmanos, o que corresponde a 5,2% de uma população de 740 milhões de indivíduos. Na União Europeia, contam-se 12 milhões de muçulmanos, para uma população de 500 milhões, entre 2,4 e 3,2%, portanto, muito longe dos 50 milhões de muçulmanos frequentemente alegados.

Liogier (2012) questiona, assim, como a União Europeia, em particular, e a Europa, em geral, correriam o risco de ser numericamente “submergidas” por muçulmanos. Em primeiro lugar, seria preciso que essa população, bastante minoritária, apresentasse uma muito forte taxa de natalidade, o contrário da tendência atual, como se viu *supra*.

Assim, para que a tese conspiratória da “bomba demográfica” dos muçulmanos adquira ares de verossimilhança, é preciso encontrar outros

¹⁷ Disponível em: < https://www.ined.fr/fichier/s_rubrique/19558/dt168_teo.fr.pdf >. Acesso em: 19 de jul. 2020.

fatores além da taxa de fecundidade dessa população, como a imigração massiva de “substituição de população”. Ressalta Liogier (2012), no entanto, que a ideia de uma progressão extraordinária da imigração é falsa, não somente para a França, como para o conjunto da União Europeia.

Na França, a taxa de crescimento migratório da população era de 1,1 por 1000 em 2009, quase a mesma desde 1980. Na Alemanha, a taxa é de 0,7 negativos e estável na União Europeia há quase trinta anos (ADVEEV, 2011). Esses dados já poderiam desconstruir a tese da “invasão migratória” e de uma eventual “substituição de população” de uma europeia e cristã, para outra, muçulmana.

Pode-se objetar (aliás, como o fez Sarkozy em debate televisivo com Hollande, na corrida presidencial do segundo turno das eleições de 2012¹⁸) que a suposta invasão demográfica seja representada pela imigração ilegal, e não pela legal. Não obstante, o relatório de 2006 encomendado pelo Senado Francês mostra que os estrangeiros em situação irregular, os chamados *sans-papiers*, são sobretudo entrantes regulares, mas que, ou ultrapassaram a duração legal de permanência, ou sofreram com uma mudança desfavorável de legislação. Dessa forma, os *sans-papiers* são, em grande parte, contabilizados nos fluxos oficiais (OTHILY; BUFFET, 2006).

Não contentes com esses dados, observa Liogier (2012), os adeptos da teoria da conspiração poderiam objetar que, ainda que em pequena escala, trata-se de uma imigração de ânimo de povoamento, e não laboriosa, para sanar os déficits de mão-de-obra em alguns setores econômicos na França. Contrariamente a essa ideia, como mostra o estudo de Thierry (2004), 65% dos imigrantes são trabalhadores ou estudantes, ao passo que apenas 20% se instalam por razões familiares.

Do ponto de vista da análise do *ethos* conspirador, no caso do *corpus* 150, é possível perceber o chamado *ethos de expert*, ou seja, segundo Danblon (2010), como observado *supra*, do sujeito que se mostra conhecedor das causas obscuras de usurpação social, por meio de generalizações sem o devido lastro probatório. Alguns clássicos que podem ser encontrados nesse *corpus* do *ethos de expert*, associado aos *imaginários da satanização dos culpados* (CHARAUDEAU, 2016), são:

a) a satanização dos lobbies midiáticos:

¹⁸ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Fhv1VVCRtJY> >. Acesso em: 20 de jul. 2020.

- “agitação da mídia que ilustra a regressão da política”.

b) a satanização dos partidos políticos:

- “[política] incapaz de enfrentar as tensões que ameaçam a paz, a nação e seu futuro”.

Além do mais, é possível perceber nesse mesmo texto marcas mostradas de oposição à matriz ideológica de esquerda, como em (grifos nossos):

- “No entanto, é desconfortante para a *esquerda* levantar esses assuntos ‘ansio gênicos’”;

- “A ‘França tranqüilona’ dos *socialistas*” (em tom de repreensão);

- “Hugo Chavez, o autocrata venezuelano, proibiu sua televisão de lidar com assuntos “ansio gênicos” [...]. A *esquerda simpática* e seus peixes seguidores dificilmente são mais tolerantes”;

- “Por mais de cem dias, a *acusação de direitismo* e de extremismo se difunde entre os *rebanhos socialistas*”;

- “A demonização atinge qualquer um que questione o *universo irênico da esquerda* e do fundo pacifista fácil”;

- “*discurso meloso dos moralistas*”;

- “*vigilantes da Ordem Moral*”;

- “A *esquerda* sussurrou: ‘Durma, brava gente!’”.

A oposição à esquerda nessas passagens se dá por diversas estratégias retóricas. A imagem que se quer passar desse campo ideológico é a de um dogmatismo cego e autoritário (vide a analogia com o regime de Hugo Chavez, o “autocrata venezuelano”, ou epítetos como “dificilmente são mais tolerantes” e “vigilantes da Ordem Moral”) que só quer fazer calar os sábios observadores da realidade em nome da não estigmatização do Islã, furtando-se aos “assuntos ansio gênicos”. Essa menção a lugares comuns da oposição da matriz ideológica de direita à matriz ideológica de esquerda aponta que, além da análise do *ethos*, a análise de aspectos dóxicos¹⁹ também pode ser relevante para a caracterização do *pathos*.

¹⁹ O conceito da palavra “*doxa*” não é consensual. Segundo o *Dicionário de Argumentação* de Plantin (2018), o termo tem a origem etimológica no grego antigo, significando “reputação, opinião ou o que é dito das pessoas ou coisas”. Trata-se de representações majoritárias que se difundem na sociedade (PLANTIN, 2018). A palavra pode assumir uma valência negativa, remetendo à ideia de clichê, estereótipo, lugar comum, ideologia ou dogma. Entretanto, para

Igualmente, a remissão às categorias do *logos*, que diz respeito aos tipos de raciocínios *a priori*, igualmente se revela pertinente para a compreensão do funcionamento argumentativo das emoções. No caso em análise, o chamado *argumento da direção* foi um tipo de argumento ao qual muito se recorreu na expressão do *pathos* de ressentimento. De acordo com Doury (2016), o argumento da direção consiste em refutar uma proposição ou linha de ação, uma vez que ela se revela como um passo no sentido de outras proposições ou linhas de ações mais extremas. Angenot (2008), por sua vez, explica que o argumento da direção segue o seguinte esquema: você quer A (que não me agrada), você talvez queira B, que segue de A necessariamente, mas não quereria os que se seguem de B, no caso, C, D, E etc. Walton define esse tipo de argumento de forma semelhante como:

Uma espécie de argumento que nos adverte que, se você tomar certa medida, você se encontrará fatalmente em uma série de consequências das quais será impossível de escapar e, no final, você se dirigirá cada vez mais rápido em direção a um desfecho desastroso (WALTON, 1992, p. 1, tradução nossa²⁰).

No *corpus* 150, em análise, o argumento da direção aparece nas seguintes passagens:

- “O governo repete em todas as circunstâncias que deseja "apaziguamento", essa palavra que floresceu em 1938. Sabemos o resto...”;
- “Foi com escárnio que Ray Ventura cantou: “Tudo está indo muito bem ...”, na véspera da Segunda Guerra Mundial”;
- “Sim, ‘uma guerra mundial nos espera’”.

alguns analistas do discurso de tradição francesa, que não se pretendem normativos, mas procurando entender o funcionamento dos discursos na sociedade, a carga pejorativa de termos como “clichê” e “estereótipo” perde a sua razão de ser. Isso se explica pelo fato de que seria da constituição da linguagem a remissão a um regime de crenças. Com efeito, o analista elaborar juízos de valor acerca dos aspectos dóxicos verificados nos discursos seria de todo impróprio (AMOSSY, 2006). É por esse motivo que Charaudeau (2007) procura se desfazer do ranço negativo de expressões como estereótipos, clichês, lugares comuns etc. para adotar um termo mais neutro, que ele denomina de “imaginários sociodiscursivos”. Assim, o que se entende por estereótipo pode apresentar uma visão reducionista ou distorcida da realidade, mas, ao mesmo tempo, um olhar de um enunciador que é típico de uma dada sociedade. Trata-se de uma perspectiva que é real, no sentido de que está aí, circulando, e que proporciona reações.

²⁰ A kind of argument that warns you if you take a first step, you will find yourself involved in a sticky sequence of consequences from which you will be unable to extricate yourself and eventually you will wind up speeding faster and faster towards some disastrous outcome.

O argumento da direção possui uma visada conspiratória, por procurar vincular fatos do presente a acontecimentos futuros sem lastro probatório. No caso do *corpus* 150, essas projeções se dão por meio da analogia com o espírito vigente na época da eclosão da Segunda Guerra Mundial, em que se clamava, segundo o autor, por “apaziguamento”. Para o autor do texto, a mesma situação estaria a ocorrer atualmente na França e na Europa em relação ao Islã. O espírito de apaziguamento da esquerda, multiculturalista, antissegregacionista e antirracista estaria conduzindo o mundo para uma nova guerra mundial.

Há que se ressaltar a menção aos autores Richard Millet e Renaud Camus feita no *corpus* 150. Ambos teriam sido vítimas de uma suposta “ditadura de esquerda”, com sua *reductio ad hitlerum*, isto é, com seu artifício retórico de taxar de nazifascista tudo que contrarie a própria cartilha ideológica. Assim, Millet, um editor da *Gallimard*, teria sido execrado pelo *Le Monde* (qualificado pelo autor do *corpus* com o epíteto de “casa de Saint-Just”, por referência a um dos integrantes da Assembleia da Revolução Francesa responsável por pedir a cabeça do rei e por instalar o terror pós-revolucionário). Da mesma forma, Camus teria sido boicotado por suas ideias pelos seus editores Fayard e POL.

Millet provocou escândalo ao declarar, em julho de 2012, na rádio *France Culture*, que alguém que, em terceira geração, continue a se chamar “Mohammed”, não poderia ser considerado francês (BRIGAUDEAU, 2012). No mesmo ano, o escritor publicou o ensaio *Éloge littéraire d’Anders Breivik*, no qual, apesar de condenar Anders Breivik (o terrorista cristão de extrema-direita autor dos atentados na Noruega de 22 de julho de 2011), atribui a atitude do atirador ao multiculturalismo e à perda de identidade decorrente da islamização da Europa (ONO-DIT-BIOT, 2012).

A repercussão no meio literário do qual Millet faz parte, por ser editor de uma das mais aclamadas editoras francesas, a *Gallimard*, não tardou. A escritora Annie Ernaux, em uma tribuna no *Le Monde*, co-assinada por uma centena de escritores, qualificou a obra de Millet como um “panfleto fascista que desonra a literatura” (ERNAUX, 2012, sem página). Prêmio Nobel de literatura, Le Clézio (2012) classificou o texto de Millet de “lúgubre elucubração repugnante”.

Renaud Camus, por sua vez, o outro autor citado no texto do *corpus* 150, também mostrado como vítima do que se concebe como “ditadura da

politicamente correto”, é o popularizador da chamada “Teoria da Grande Substituição”, que o tornou influente nos meios identitários da extrema-direita. Trata-se de uma hipótese conspiracionista, surgida no século XIX, segundo Weil (2015), com Maurice Barrès, não referendada por estudos científicos, segundo a qual existiria um processo deliberado de substituição da população europeia e francesa por uma população não europeia. Se, no século XIX, a doutrina assumia contornos antisemitas, na fala atual de Camus ela se mostra islamofóbica, ao postular que o contingente migratório principalmente da África negra e do Maghreb ocasionaria uma concomitante mudança de civilização (por incompatível com a receptora), isso com apoio da elite política, intelectual e midiática europeia (mais uma vez aqui um dos *imaginários da satanização dos culpados*), seja por ideologia, seja por interesse econômico.

A Teoria da Grande Substituição de Camus consegue transformar em inimigo do Ocidente, ao mesmo tempo, o Islã, o liberalismo e o comunismo. Para Camus (2011), a aliança do esquerdismo e do capitalismo conduziria à “Grande Substituição”, que significa a despossessão identitária total dos europeus. Os vetores do capitalismo transnacional, do esquerdismo altermundialista e do Islã “em expansão infinita” se completariam na busca pela hegemonia total, a “pantocracia”.

Curioso notar que Millet (2011), o ex-editor da *Gallimard* citado no *corpus* 150, detém uma visão igualmente conspiracionista em relação ao Islã, mas apoiando-se em causas obscuras distintas: na existência de complô não entre elites europeias e Islã, como quer Camus, mas sim islamoamericano, visando a destruir a civilização europeia. Nessa perspectiva, o islamismo apresenta-se como uma variante espetacular do capitalismo protestante, o que poderia, para Millet, ser confirmado pela proliferação de *fast-foods* de comida *halal*. A penetração muçulmana representaria, assim, o produto vicioso do ódio aos cristãos, inclusive das elites desleais à sua civilização, seja por falta de fé, seja por corrupção moral. Trata-se também, para Millet (2011), de um ódio do muçulmano pelo Ocidente e do desejo norte-americano de massacrar a Europa:

O sucesso do Islã na Europa não se deve apenas a seus méritos ou a uma conspiração político-econômica e a um projeto americano que visa a enfraquecer o poder europeu, mas também porque é o ponto de encontro de um ódio duplo, o dos muçulmanos pelo Ocidente cristão, que eles gostariam de desprezar, mas que os fascina, e o dos ex-cristãos

pelo que foi sua religião, sua civilização (MILLET, 2011, p. 135, tradução nossa²¹).

4 Considerações finais

Viu-se que a Retórica da Conspiração (RC) é uma espécie de Retórica da Denúnciação (RD), por inverter o ônus da prova, legando ao acusado a tarefa de argumentar pela sua inocência, o que, para Angenot (2008) e Danblon (2004), constitui grave infração às chamadas regras do debate. Efetivamente, é um marco civilizatório das sociedades democráticas conferir a quem acusa a função de provar seus propósitos.

A diferença entre a RC e a RD é que a primeira, para esses teóricos, é acompanhada de um *pathos* de ressentimento. A partir do extrato de texto aqui analisado, conclui-se que esse *pathos*, na RC, pode vir acompanhado de outros afetos, como os diversos medos identitários apontados por Charaudeau (2016). Além do mais, observou-se que, na análise do *pathos*, pode ser importante, para a sua caracterização, a remissão a outras provas retóricas. No caso em exame, verificou-se que a menção às categorias do *ethos* (*ethos de expert*), do *logos* (argumento da direção) e da *doxa* (opiniões comuns das matrizes ideológicas do discurso político) se mostrou relevante para a compreensão do *pathos* de ressentimento da RC.

O resumo das constantes que acompanham o *pathos* de ressentimento da RC no debate francês sobre imigração no *Le Figaro* é o que se segue:

Tabela 1 – *Pathos* de ressentimento no debate sobre imigração no *Le Figaro*

- Medos identitários dos imaginários de vitimização (CHARAUDEAU, 2016): medo da invasão, medo da desidentificação, medo da desclassificação, medo da insegurança.
- <i>Ethos</i> de <i>expert</i> (DANBLON, 2010)
- Imaginários de satanização dos culpados (CHARAUDEAU, 2016): satanização dos políticos, dos partidos políticos, do Estado e dos supostos lobbies midiáticos e das minorias
- Argumento da direção (DOURY, 2016)
- Oposição mostrada à matriz ideológica de esquerda (CHARAUDEAU, 2016).

Fonte: elaboração do autor.

²¹ Le succès de l’islam en Europe n’est pas seulement dû à ses mérites ou à une conjuration politico-économique et à un projet américain visant à affaiblir la puissance européenne, mais aussi à ce qu’il est le point de rencontre d’une double haine, celle des musulmans pour l’Occident chrétien, qu’ils voudraient mépriser mais qui les fascine, et celle des ex-chrétiens pour ce qui fut leur religion, leur civilisation.

Espera-se que o trabalho possa auxiliar aqueles que se debruçam sobre os estudos das emoções no discurso. Mais especificamente, almeja-se contribuir para os pesquisadores que procuram investigar o funcionamento do *pathos* ressentimento na Retórica da Conspiração, comumente incrustrada nos pronunciamentos de governantes populistas e de seus seguidores.

Agradecimento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Processo: 88881.188626/2018.

REFERÊNCIAS

ADVEEV, A. et al. Population et tendances démographiques des pays européens (1980-2010). **Populations**, vol. 66, n. 1, 2011.

AMOSSY, R. **L'argumentation dans le discours**. Armand Colin: Paris, 2006.

ANGENOT, M. **Dialogues de sourds**: traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et une nuits, 2008.

ARISTÓTELES. Retórica. In: **Obras Completas de Aristóteles**. Coord. MESQUITA, Antônio Pedro. Vol. III, Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BLANDIN, C. Le Figaro et le gaullisme en Mai 68. **Médiamorphoses**, Paris, 2008. Disponível em: http://documents.irevues.inist.fr/bitstream/handle/2042/28326/2008_HS_145.pdf?sequence=1. Acesso em: 23 ago. 2016.

BRÉZET, A. Le Figaro se réinvente. **Le Figaro**, Paris, 28 mar. 2013. Disponível em: <http://www.lefigaro.fr/mon-figaro/2013/03/27/10001-20130327ARTFIG00729--le-figaro-se-reinvente.php>. Acesso em: 23 ago. 2016.

BRIGAUDEAU, A. Éloge littéraire d'Anders Breivik: la nouvelle provocation de Richard Millet. **France Info**, 10 dez. 2012. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/culture/livres/quot-elogue-litteraire-d-039-anders-breivikquot-la-nouvelle-provocation-de-richard-millet_3330429.html. Acesso em: 22 jul. 2020.

BROUARD, S.; TIBERJ, V. **Français comme les autres?** Enquête sur les citoyens d'origine maghrébine, africaine et turque. Paris: Presses de Sciences Po, 2005.

- CAMUS, R. **Le Grand Remplacement**. Paris: David Reinhare, 2011.
- CHARAUDEAU, P. Du discours politique au discours populiste. Le populisme est-il de droite ou de gauche ? *In*: CORCUERA, F. *et alii* (dir.). **Les discours politiques**: regards croisés. Paris: L'Harmattan, p. 32-43, 2016.
- CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. *In* BOYER, H. (dir.). **Stéréotype, stéréotypes**: fonctionnements ordinaires et mises en scene. Paris: L'Harmattan, 2007.
- CHARAUDEAU, P. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. Une problématisation discursive de l'émotion: à propos des effets de pathémisation à la television. *In*: PLANTIN, C., DOURY, M. & TRAVERSO, V. (éds.). **Les émotions dans les interactions**. Lyon: PUF, 2000. p.125-155.
- COURBAGE, Y.; TODD, E. **Le Rendez-vous des civilisations**. Paris: Seuil, 2007.
- DANBLON, E. **Argumenter en démocratie**. Bruxelles: Éditions Labor, 2004.
- DANBLON, E. Les 'théories du complot' ou la mauvaise conscience de la pensée moderne. *In*: DANBLON, E.; NICOLAS, L. **Les rhétoriques de la conspiration**. Paris: CNRS Éditions, 2010.
- DANBLON, E.; NICOLAS, L. **Les rhétoriques de la conspiration**. Paris: CNRS Éditions, 2010.
- DESCARTES, R. **Discurso do Método**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- DONOT, M. e EMEDIATO, W. La construction de la figure des leaders: ethos, identité et charisme en perspective compare. **Revue française des sciences de l'information et de la communication**, n. 7. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rfsic/1588?lang=en>. Acesso em: 18 de nov. 2019.
- DOURY, M. **Argumentation**: analyser textes et discours. Paris: Armand Colin, 2016.
- ERNAUX, A. Le pamphlet fasciste de Richard Millet déshonore la littérature. **Le Monde**, 10 set. 2012. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2012/09/10/le-pamphlet-de-richard-millet-deshonore-la-litterature_1758011_3232.html. Acesso em: 22 jul. 2020.
- FAYE, O. Marine Le Pen cajole l'électorat traditionnel du FN. **Le Monde**, 23 jun. 2015. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/politique/article/2015/06/23/marine-le->

[pencajole-l-electorat-traditionnel-du-fn_4659784_823448.html](https://www.lefigaro.fr/actualites-france/pencajole-l-electorat-traditionnel-du-fn_4659784_823448.html). Acesso em: 25 fev. 2020.

LAURENCE, J.; VAÏSSE, J. **Intégrer l'islam**. La France et ses musulmans: enjeux et réussites. Paris: Odile Jacob, 2007.

LE CLÉZIO, J. M. G. La lugubre élocubration de Richard Millet. **BibliObs**, 05 set. 2012. Disponível em: <https://bibliobs.nouvelobs.com/actualites/20120905.OBS1344/la-lugubre-elucubration-de-richard-millet.html>. Acesso em: 22 jul. 2020.

LE FIGARO s'assume du centre et de droite. **Europe1**, 21 set. 2008. Disponível em: <http://www.europe1.fr/culture/le-figaro-s-assume-du-centre-et-de-droite-76851> >. Acesso em : 23 ago. 2016.

LIMA, H. M. R. de. **Na tessitura do Processo Penal**: a argumentação no Tribunal do Júri. 2006. 260f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Belo Horizonte, 2006.

LIOGIER, R. **Le mythe de l'islamisation**: essai sur une obsession collective. Paris: Éditions du Seuil, 2012.

MAINGUENEAU, D. **Cenas de Enunciação**. Curitiba: Criar, 2006.

MÉLENCHON TIRE à vue. **Le Point**, 07 out. 2010. Disponível em: https://www.lepoint.fr/politique/melenchon-tire-a-vue-07-10-2010-1249327_20.php. Acesso em: 25 fev. 2020.

MILLET, R. **Fatique du sens**. Paris: Pierre-Guillaume de Roux, 2011.

ONO-DIT-BIOT, C. Éloge de Breivik: le cas Richard Millet. **Le Point**, 29 ago. 2012. Disponível em: https://www.lepoint.fr/culture/millet-soldat-perdu-22-08-2012-1498111_3.php. Acesso em: 22 jul. 2020.

OTHILY, G.; BUFFET, F. N. Immigration clandestine: une réalité inacceptable, une réponse ferme, juste et humaine. **Rapport de la commission d'enquête du Sénat n. 300**, abr. 2006.

PERALVA, A. **Médias et violences urbaines**: débats politiques et construction journalistique. Paris: La Documentation Française, 2002.

PINTO, R. B. W. S. Argumentação e persuasão em gêneros textuais. **EID&A**, n. 9, jul./dez., p. 102-112, 2015. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/839>. Acesso em: 18 nov. 2019.

PLANTIN, C. **L'argumentation**. Paris: Éditions Seuil, 1996.

PLANTIN, C. **Dictionary of argumentation**: an introduction to argumentation studies. Milton Keynes: Lightning source, 2018.

SABÉLAN, H. Cours de banderoles en province. **Libération**, 26 abr. 2002. Disponível em: https://www.liberation.fr/evenement/2002/04/26/cours-de-banderoles-en-province_401662. Acesso em: 25 fev. 2020.

SANTOS, F. R. C. dos. **A guerra cultural no debate sobre imigração: análise de artigos de opinião da imprensa francesa**. 2020. 338f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. São Paulo, 2020a.

SANTOS, F. R. C. dos. O que se entende por Retórica da Guerra Cultural. **Domínios de Linguagem**, vol. 15, n. 1, 2020b, p. 180-227. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/52265>. Acesso em: 15 ago. 2020.

SLAMA, A. G. Le Figaro, ou l'éclectisme libéral. **SciencesPo**, Lyon, 25 set. 2006. Disponível em: http://doc.sciencespo-lyon.fr/Ressources/Bases/DP/articleDP.html/160794?id_fnbsp%5B0%5D=354&orderby=auteur+DESC&limit=10&position=40&suite=1&npos=45. Acesso em: 23 ago. 2016.

THIERRY, X. Évolution récente de l'immigration en France et éléments de comparaison avec le Royaume-Uni. **Population**, vol. 59, n. 5, 2004.

TRIBALAT, M. L'islam reste une menace. **Le Monde**, 13 out. 2011. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2011/10/13/l-islam-reste-une-menace_1587160_3232.html. Acesso em: 19 jul. 2020.

WALTON, D. **Critique de l'argumentation**. Paris: Éditions Kimé, 1992.

WEIL, P. **Le sens de la République**. Paris: Grasset, 2015.

Recebido em agosto de 2024

Aceito em 15 de setembro de 2024.

Publicado em 02 de dezembro de 2024.

SOBRE O AUTOR

Frederico Rios C. dos Santos é doutor em Linguística do Texto e do Discurso pela UFMG (2019) e em Relações Internacionais pela USP (2021). Já realizou estágios de pesquisa na Sorbonne (2018-2019) e na SciencesPo Paris (2018-2019). É membro da Associação Latino-Americana de Retórica, da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso, da Associação Latino-Americana de Ciência Política,

entre outras. Atua como pesquisador no Grupo Retórica e Argumentação (UFMG/CNPq), e no Núcleo de Estudos em Análise Crítica do Discurso (USP/CNPq).